

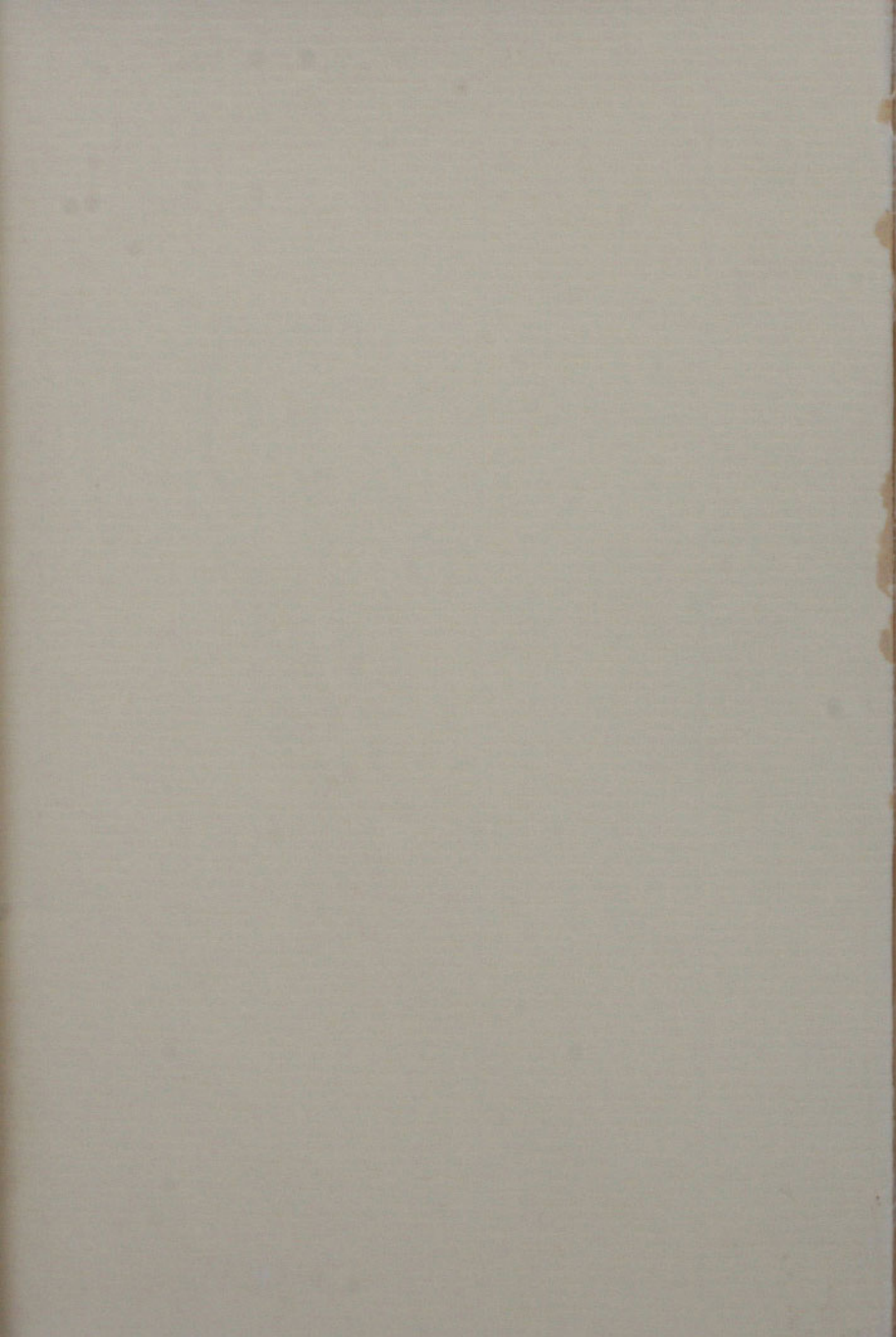
A R T U R A U G U S T O

*romance*

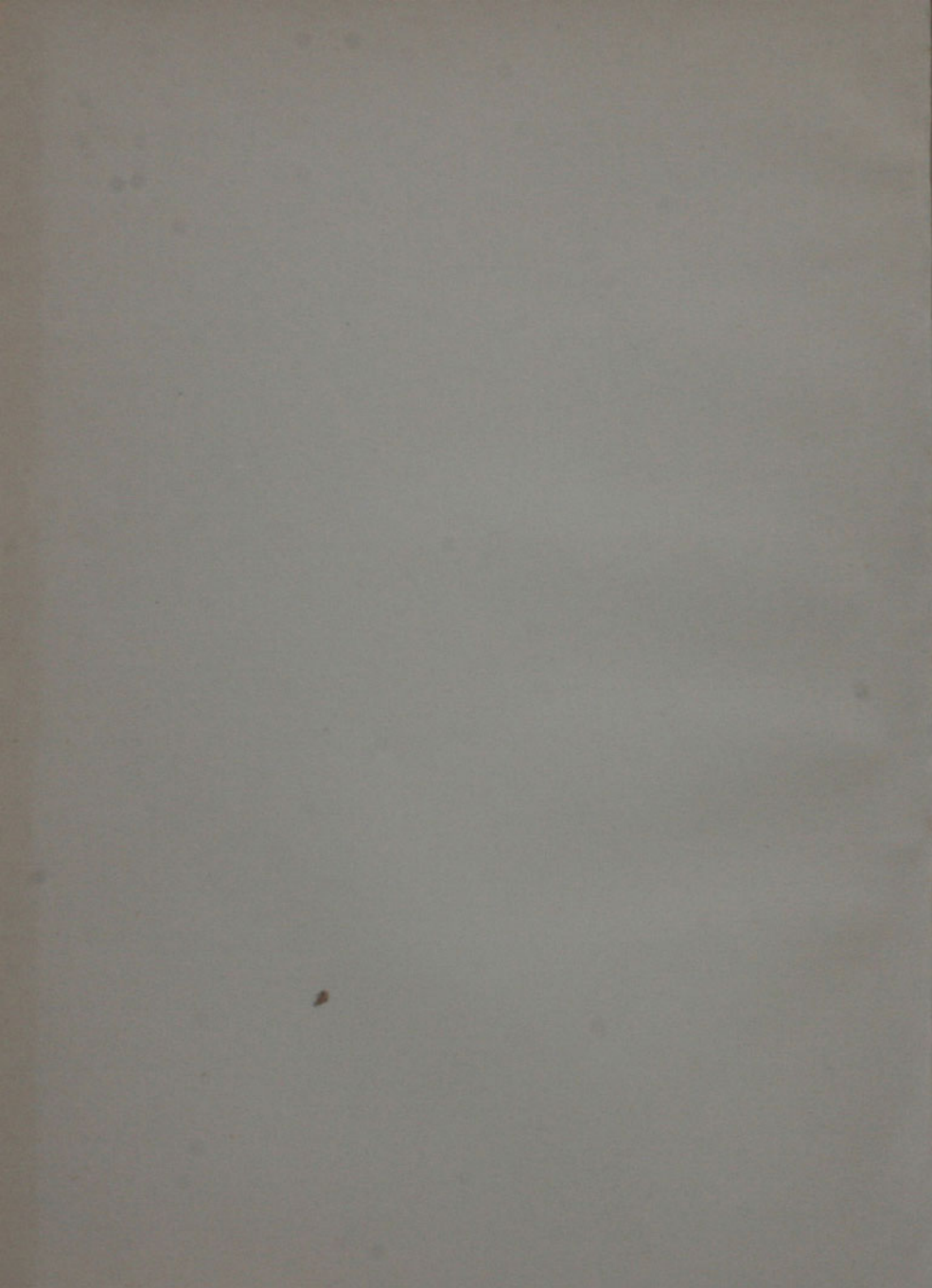
**DE INEZ DE  
CASTRO**



*edições momento*





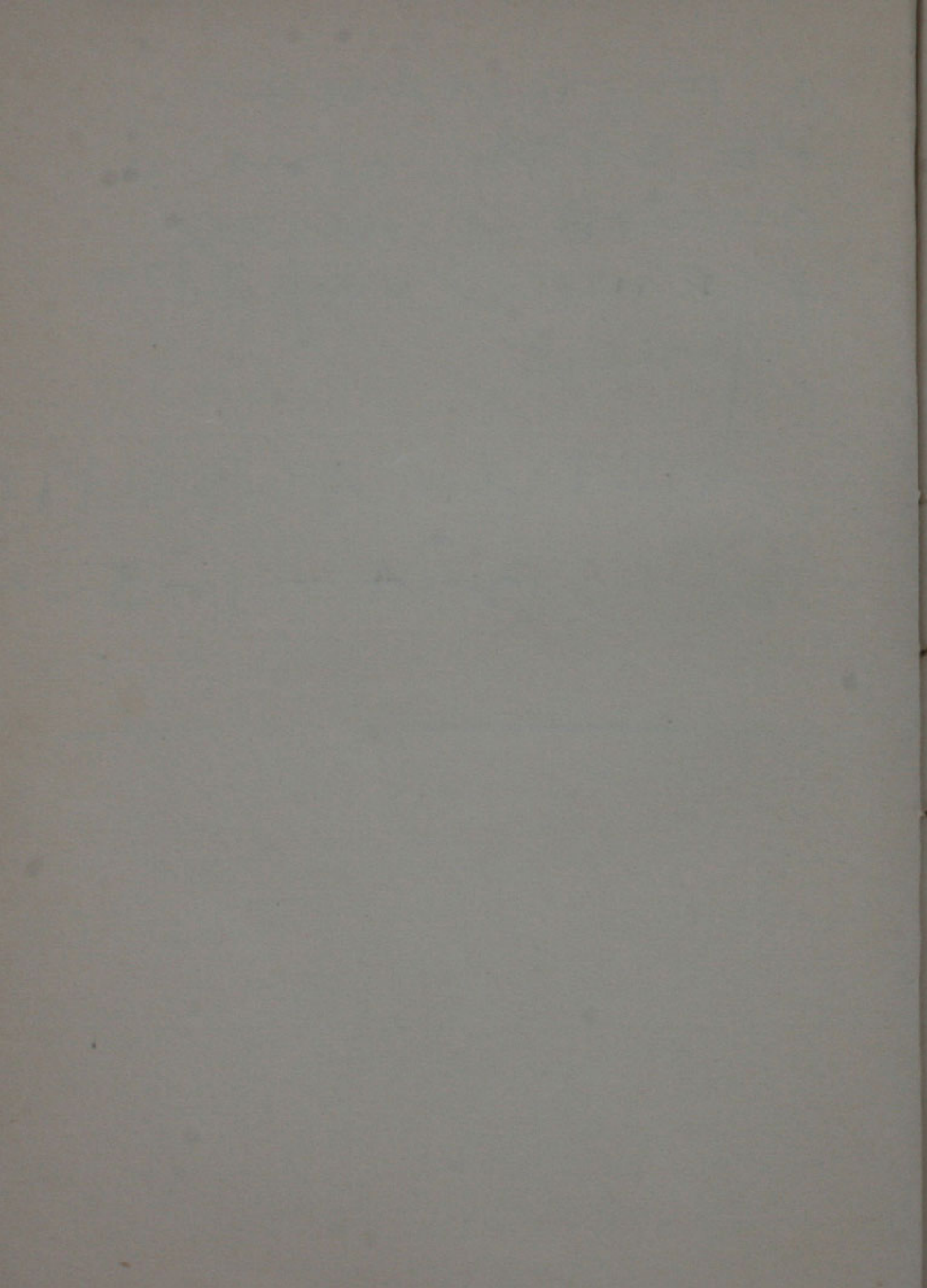




A FERNANDO  
PESSOA, com a  
maior e mais  
firme simpatia  
oferece

ARTUR AUGUSTO  
LISBOA - 1-3-34

---



A R T U R   A U G U S T O

R O M A N C E

D E

I N Ê S

D E

C A S T R O

/

EDIÇÕES MOMENTO





BALADA OUTONAL





É DOS LIVROS



DE ARTUR AUGUSTO

DE ARTUR AUGUSTO

PUBLICADOS:

MAIS ALEM — 1931 — Esgotado

ROMANCE DE INÊS DE CASTRO—1934

A PUBLICAR:

A MULHER DOS DOIS CORAÇÕES —

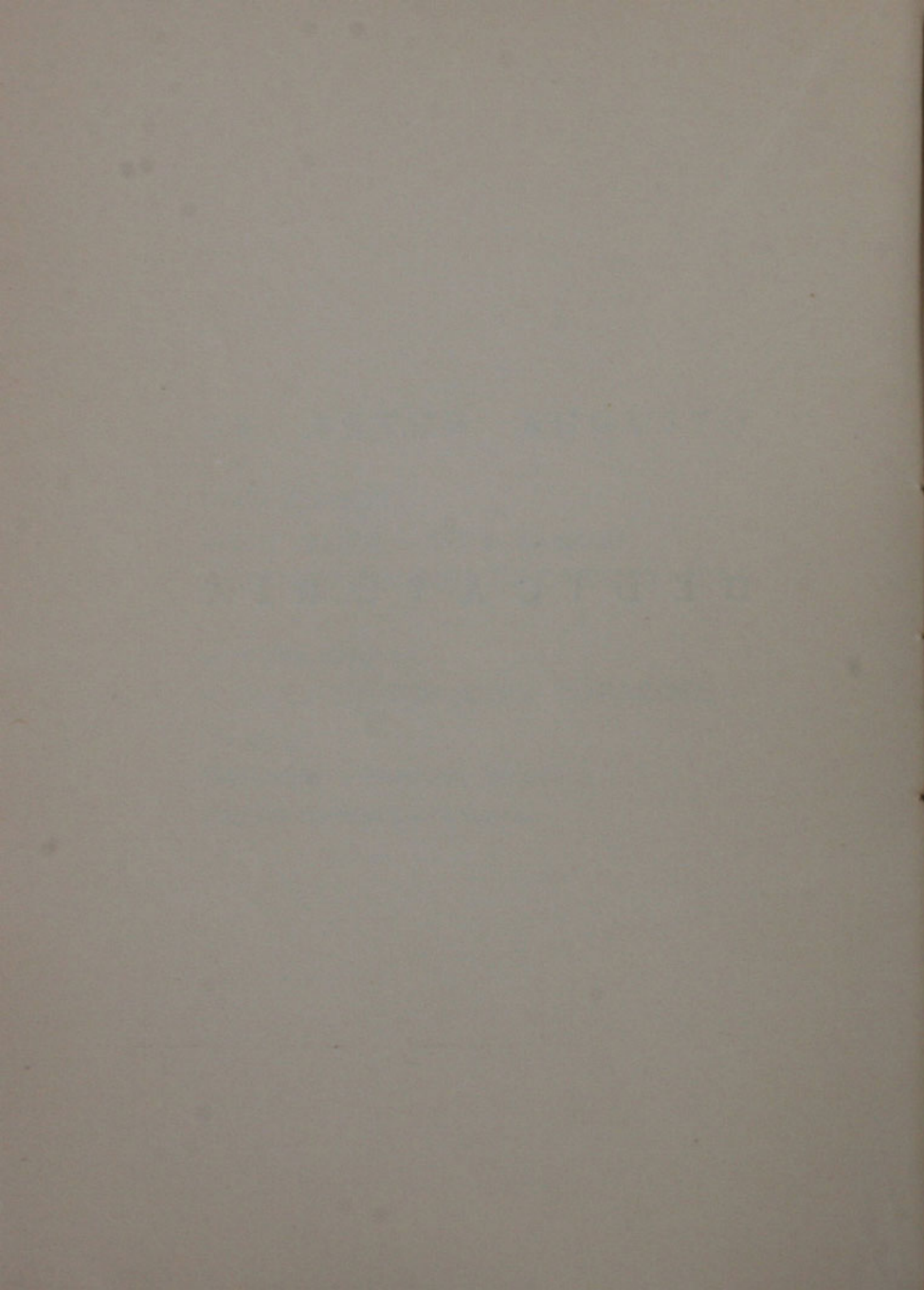
Romance

IMAGEM — Ensaio crítico

CLOWNARIAS — Poemas

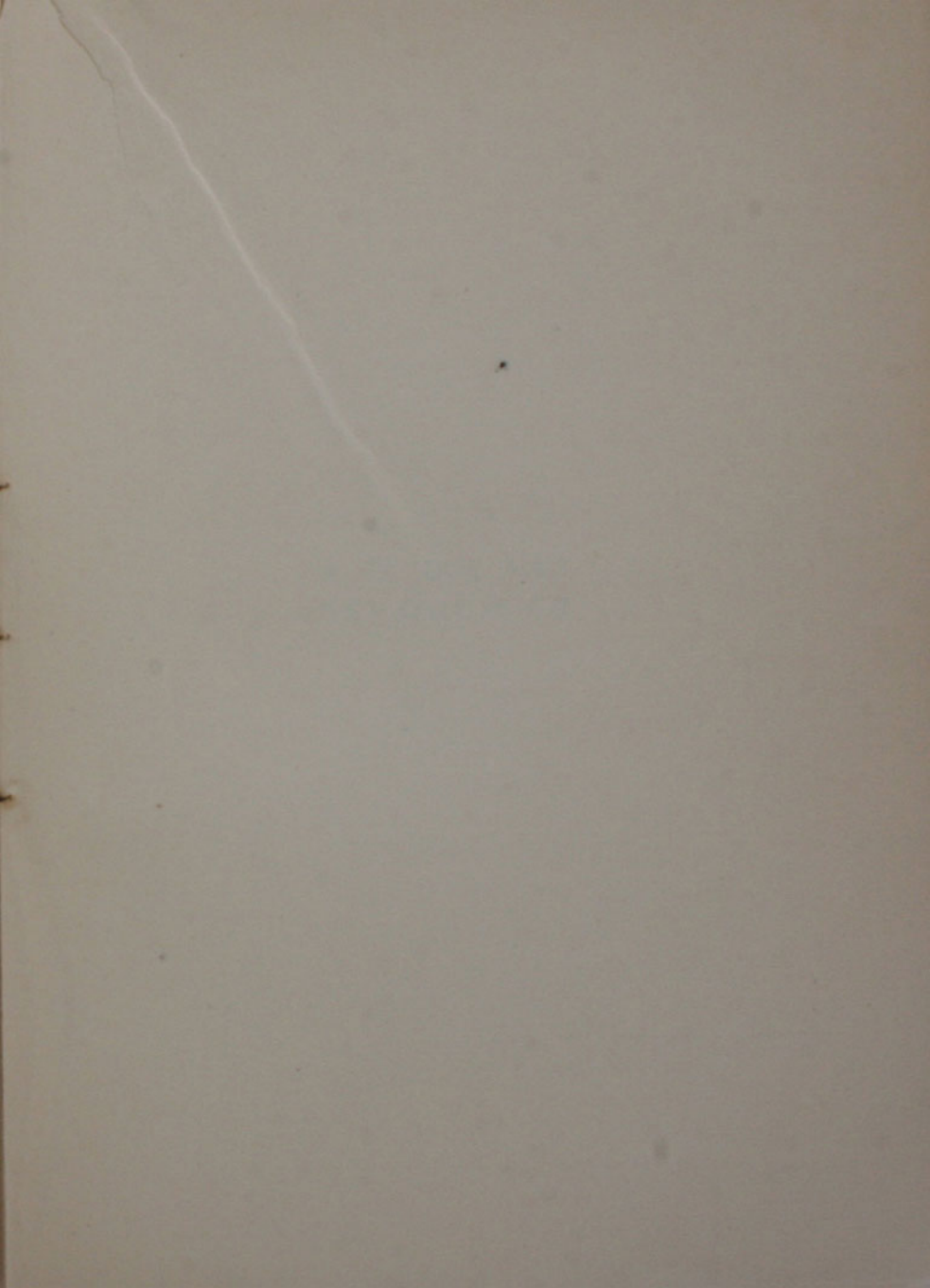
D E D I C A T Ó R I A

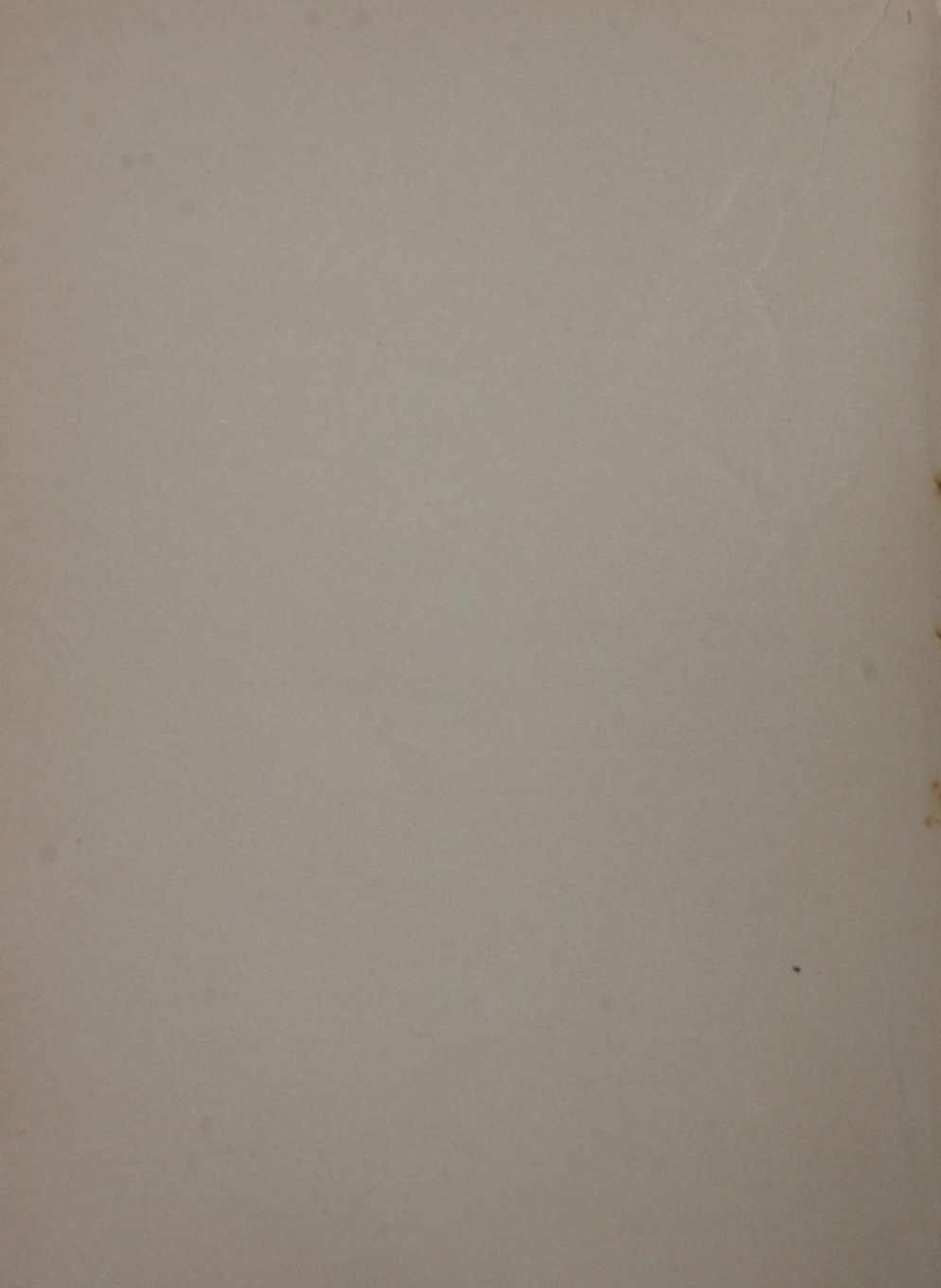




A M E U C U N H A D O  
A M I N H A I R M A  
*R E C O N H E C I D A M E N T E*

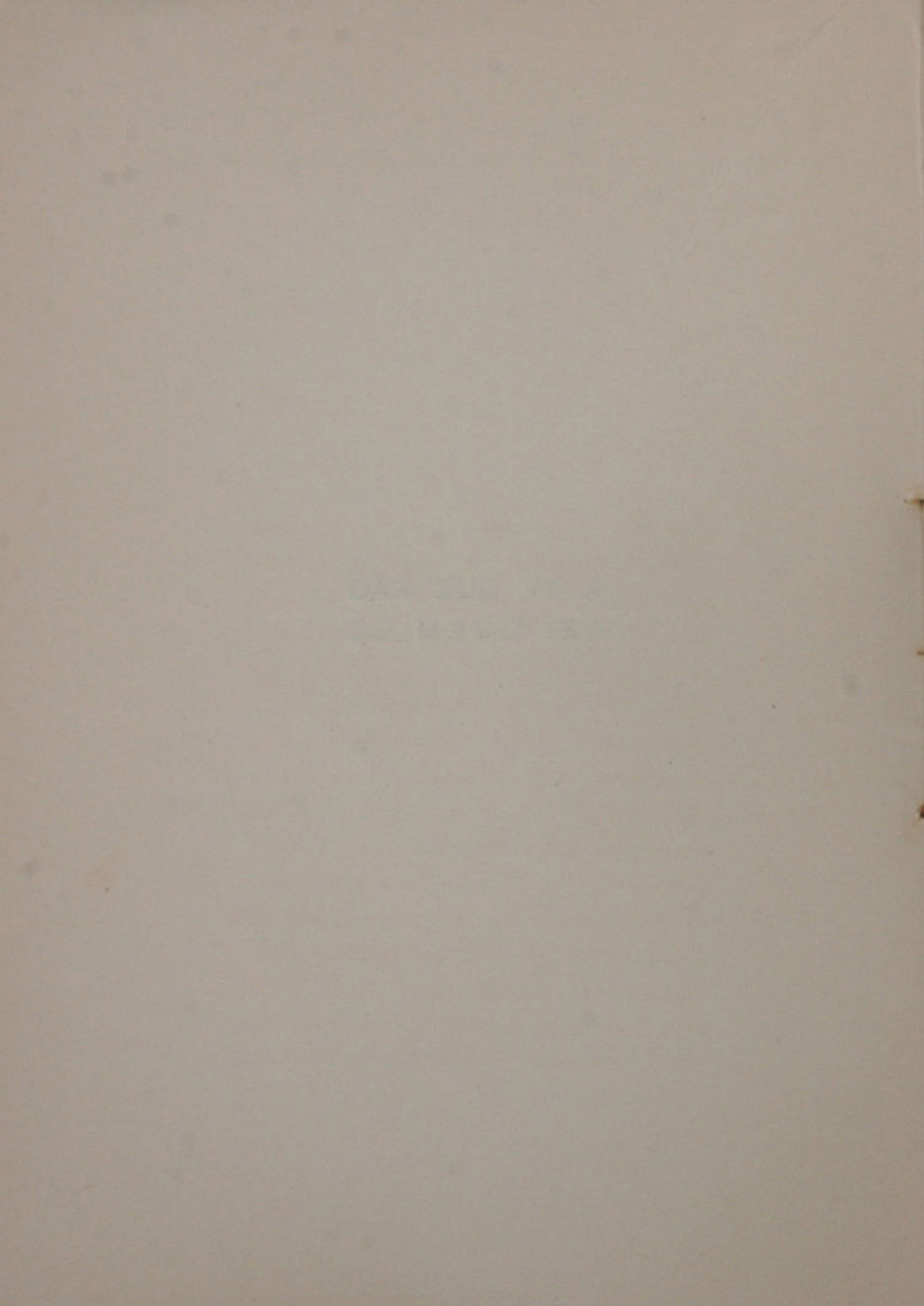
A NEW YORK  
A NEW YORK  
A NEW YORK







A TI, QUE NÃO  
SEI QUEM ÉS



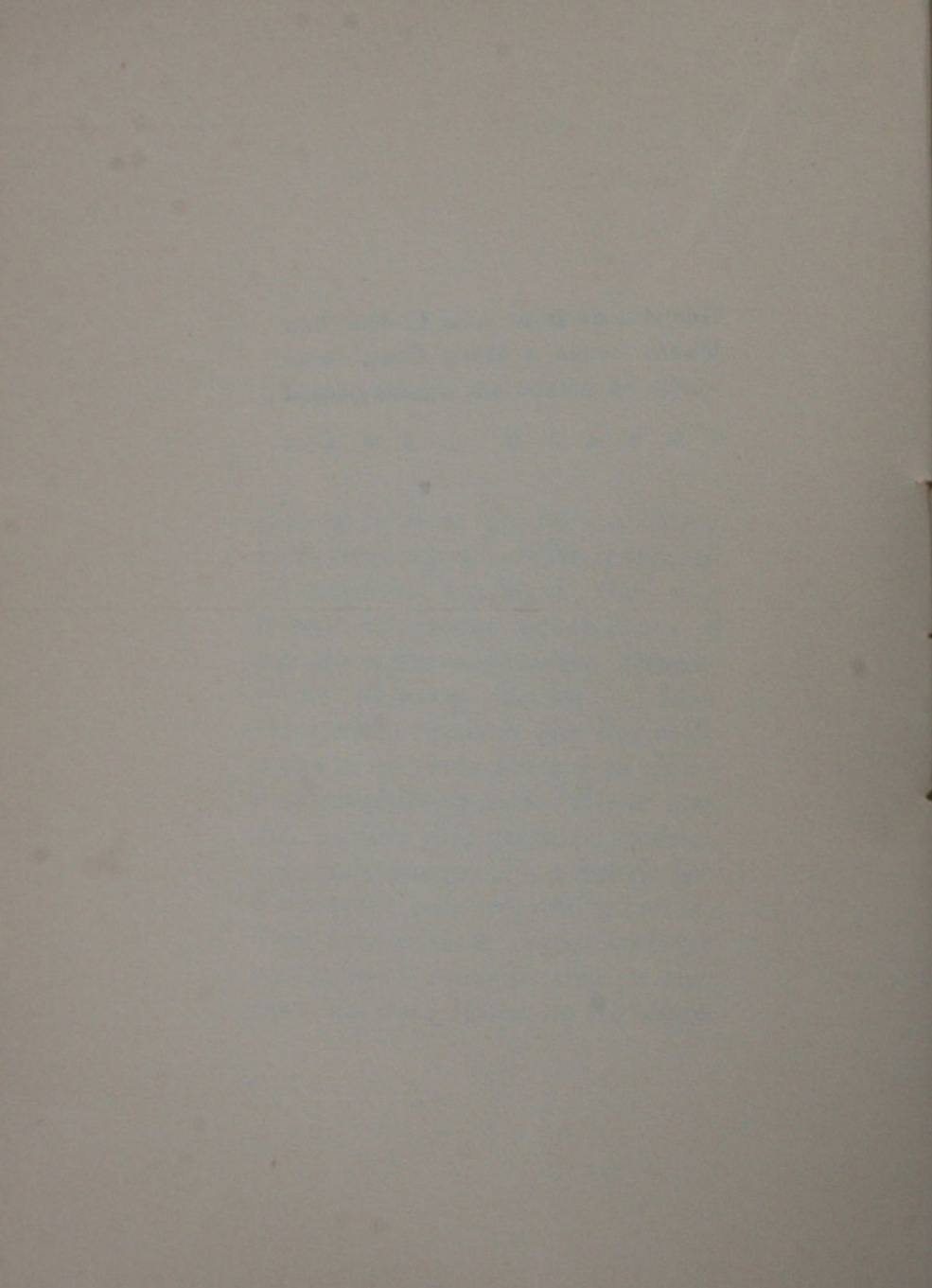
*Foi ha três anos que, por uma  
cinzenta tarde de outôno, te en-  
contrei, sentada junto ao túmulo  
de Inês de Castro. Quem eras?  
Nunca o cheguei a sabêr! Só sei  
que eras maravilhosamente bela;  
lembravas uma imagem de altar  
que houvesse descido para junto  
do túmulo de Inês, para sonhar,  
talvez com o reino dos ceus, talvez  
com êsse imenso poêma de amor.  
Olhaste-me: e nos teus olhos,  
cândidamente belos, li todo um  
sônho desfeito. Quem eras? Nun-  
ca o cheguei a sabêr... Lembras-  
-te? Quando saías do mosteiro,*

saía eu também. Cá fora, a chuva batia leve contra a velha frontaria do mosteiro medieval. Por uns breves momentos aguardámos a par que a chuva passasse. Disses-te-me palavras banais... Mas disseste-me também que lias tudo o que se escrevia sôbre essa dolorosa tragédia de amôr. É por isso que escrevi êste piqueno poêma, pensando que um dia o has de lêr. Tu partiste pela estrada de Leiria; e eu, pressentindo nunca mais ter socêgo, parti também para o meu povoado, duas léguas de Alcobaça.

Semelhante amor, qual El-Rei Dom  
Pedro houve a Dona Enes, rara-  
mente he achado em alguma pessoa

F E R N Ã O L O P E S





P Ó R T I C O





Lendas . . . Quem não gostará de recorda-las, de se embriagar no seu perfume intenso, de aspirar a fragância suave que o poetisar dos povos nelas deixou?! A história de Inês de Castro e de Pedro «o cruel», de tal modo se confundiu com a lenda, que impossível é afirmar, hoje, com precisão, onde uma começa e a outra termina. E em bôa verdade se pode dizer que a parte mais bela desta tragédia, foi a que o pôvo creou: a



## Romance de Inês de Castro

lenda. Foi do seio do povo que ela surgiu, com uma ingenuidade tocante, que prende e fascina a alma do artista! Desde o século de mil e trezentos, poetas e historiadores, e gente do povo rude, celebrou em seus poemas e em suas crônicas — em seus cantares — a historia Inesiana, ligando o passado ao presente por virtude de aquêlo élo forte, que nos marcou um logar à parte na história dos povos que vivem pela arte: «a saúde». E assim é, que aos túmulos de Inês de Castro e de Pedro «o justiceiro» poderemos chamar com precisão, a síntese de um «poema de saúde».









Sentai-vos quêdos e ouvide em  
bôa hora o que vos vou contar.  
Olhai que hoje é dia de St. Clara,  
e que o diabo anda pelas encrusi-  
lhadas dos caminhos, esperando os  
viandantes





a Galisa, terra de  
menestreis e trova-  
dôres, existia, dêsde  
o tempo dos reis  
Godos, um mages-  
toso castelo que  
dominava todo o  
burgo de Lemos. Aí

nasceu, numa sombria tarde de Ou-  
tono, quando os servos voltavam da  
faina das vindimas, a formosa Inês  
de Castro. O pai, poucas horas ha-



## Romance de Inês de Castro

viam decorrido depois do nascimento, chamou Mestre Salomão, judeu sábio na arte de lêr o futuro pelo curso dos astros e pediu-lhe que predissesse o da filha. E foi nessa noite de lua nova, enquanto um rouxinol cantava empoleirado num galho de choupo, que Mestre Salomão consultou os astros. Com enorme alvoroço ouviu a mãe que sua filha nascera fadada para altos destinos. Mas o sábio judeu vira com espanto a estrêla do norte desaparecer misteriosamente durante uns momentos, para logo renascer com mais brilho; era pois uma turvação na vida de Inês. Ao outro dia mandou o bom senhor de aquelas terras que se festejasse o nascimento da filha. No grande pátio da moradia senhorial foram postas enormes cubas

Romance de Inês de Castro

de vinho, câstos de vime cheios de  
brôa de milho e longos espêtos, onde se  
assavam leitões, veados das matas e  
grandes bois... E os menestreis que  
estavam nos burgos visinhos, os jo-  
grais e trovadôres, todos acorreram á  
festa. Um havia, que de passagem  
para a Provença, vindo da côrte do  
rei Diniz, era estimado por suas ma-  
nhas de jogral. Cantou aquela bai-  
lata das môças, que diz:

*«Bailemos agora por Deus ay queridas,  
sob aquestas avelaneiras floridas,  
e quem fôr querida, como nós queridas,  
e amigo amar,  
sob aquestas avelaneiras floridas,  
virá bailar.»*

Mas o senhôr do castelo, que rece-  
bera a sua criação em Portugal e

## Romance de Inês de Castro

muito privara com el-rei Lavradôr, folgava imenso em ouvir os seus cantares. Teve assim, o menestrel, de repeti-los, tão grande agrado dava ao senhôr o estar ouvindo essas trovas do rei seu amigo. Ora quando o menestrel, tangendo a viola, cantou aquella cantiga de amôr que diz:

*«... o mui namorado*

*Tristan, sei bem que non amou Iseu,*  
*quant'eu vos amo...*

o pai de Inês de Castro, sorrindo de contente, disse para seus amigos e parentes que junto estavam: Minha filha ha-de sêr mais amada, ainda, do que o foi Iseu, a Loira.

Entrara risonha e meiga a primavera.  
Já pelo campo, coberto de boninas,  
andava o gado pastando a erva tenra,  
e pelo ceu azul, viam-se as primeiras  
andorinhas, vindas dos mares distan-  
tes, trazendo a voluptuosidade dos lon-  
gincos horizontes. Amanhecêra um  
dia lindo, tôdo cobalto. Pelos ares,  
vagueava errante o cheiro das viole-  
tas. E foi nêsse dia, terceiro crescente  
de aquele ano, que no castelo de Le-  
mos se finou, á hora em que as an-



dorinhas regressam aos ninhos, a mãe de Inês de Castro. Inês era, a êsse tempo, môça menina de seis anos, tranças longas, olhos cheios de brilho... Com a morte da mãe foi levada para o castelo de Albuquerque, lá ao norte, junto da raia portuguesa, para companhia da irmã de seu pai, viuva de Afonso Sanches, filho querido do rei Diniz. E numa noite fria de inverno, ao serão, enquanto a neve caía lá fóra, silenciosa e triste, ouviu Inês contar a história de seu avô — Ruy Dias, o famoso Cid Campeadôr. Tinha a êsse tempo uns doze anos, mas já era de uma beleza perfeita... Vivia também no castelo um pagem louro, olhos azues... E os dois, sentados a par, muito quietos, ouvindo aquela histó-



## Romance de Inês de Castro

ria, eram a imagem tangível do amôr. Mas o tempo rodou, outra vez lento . . . Inês, do alto do varandim, olhava as aves, livres, que iam e vinham ao sabor da sua vontade; e desejava também, como elas, sêr livre. Que no castelo, ela era prisioneira, como aquelas princêsas dos contos de fadas que lhe haviam contado, quando pequena. E ela também pressentia, como as princêsas, que muito longe havia de viver um príncipe, que a viesse libertar de aquêlê captiveiro.



Ora uma tarde, haviam soado as avé-marias e os servos já tinham recolhido, Inês viu, para o norte, três tiros de besta da tôrre de menagem, um grupo de cinco cavaleiros que caminhavam em direcção ao castelo. Mal êles chegaram, soube-se que traziam novas da côrte e que vinham buscar Inês de Castro para servir de dama de honôr a sua prima, a infanta D. Constança, que ajustára já casamento com D. Pedro, o infante

Romance de Inês de Castro

herdeiro de Portugal. Inês não cabia em si de contente: ia, finalmente, vêr novas terras; e a sua imaginação, voando, atravessava aquêles montes, e via-se numa côrte esplendorosa, cheia de cavaleiros mancebos e môças formosas. Ao outro dia, luzia ainda a estrêla d'alva e pelos campos tudo era quietação e socêgo, partiu a linda Inês caminho de Zamora, onde se juntaria com sua prima, que vinha a esposar o infante de Portugal. Era luzida aquela cavalgada que trazia a infanta D. Constança... Nela vinha a melhor nobresa de Castela; ricos-homens e infanções, donas e donzelas — parentes todos da infanta noiva. Estava a côrte portugûesa, a esse tempo, em Coimbra. O infante D. Pedro ia pelos vinte anos, e era o mais



Romance de Inês de Castro

destemido dos da sua idade; com um golpe da bôa toledana cortava cerce quatro tochas juntas. Usava levantar-se cêdo e percorrer com seus amigos e camaradas as fragas, em busca da caça bravia... Tão grande sabôr tinha pela caça, que nem com a chegada da noiva se alterou o seu viver.

Mas um dia...







Mas um dia... Calai-vos e escutai.  
Aqui começa a história. O outono  
de aquêlê ano entrara dôcemente. Inês,  
sentada na relva, olhando as rôlas  
que fugiam em busca de climas mais  
amênos, não reparou que alguém se  
aproximara e embevecido a estava  
olhando. — «Tão grande é o vosso  
scismar, que nem me olhais»... Inês  
voltou-se: era D. Pedro! — «Se-  
nhor... Deus vos guarde!» — «A nós,  
deveis dizer». — «Senhôr!» fêz Inês

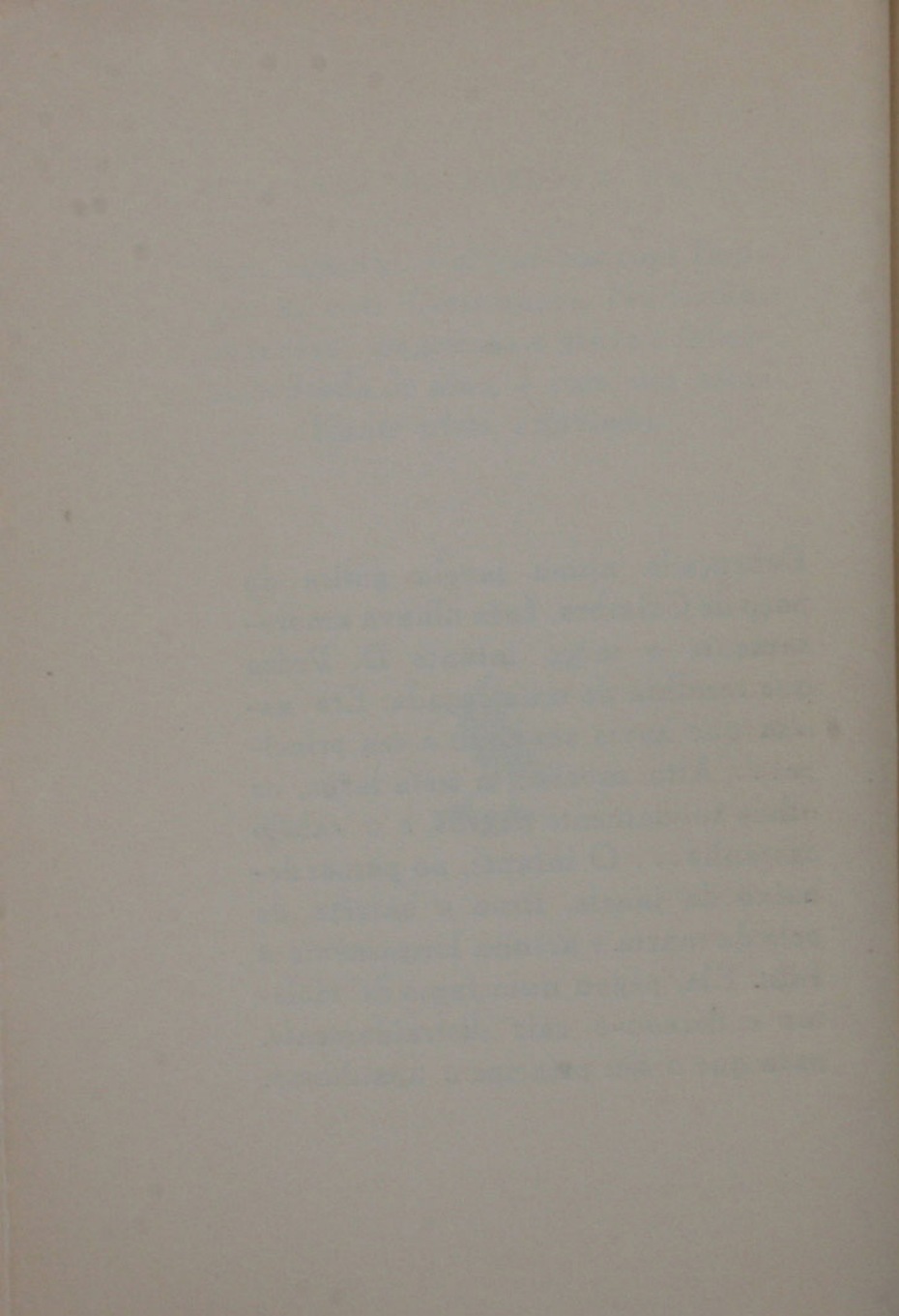
## Romance de Inês de Castro

com espanto.—«Ficai-vos com Deus  
que aí vem Constança». No jardim  
avançava, magestosa e grave a infan-  
ta, rodeada de aias, e com um sem-  
blante triste, anuviado.



Debruçada numa janela gótica do paço de Coimbra, Inês olhava amorosamente o moço infante D. Pedro que recolhia de uma caçada. Era assim que havia sonhado o seu príncipe... Alto, morêno, a testa larga, os olhos fundamentalmente nêgros, e o cabelo castanho... O infante, ao passar debaixo da janela, tirou o barrête de pele de marta e acenou longamente a Inês. Ela, pegou num ramo de violetas e deixou-o cair distraidamente, para que o seu príncipe o apanhasse.







Ia pela côrte uma enorme ansiedade: é que se esperava a todo o momento, o nascimento do segundo filho do infante. O rei Afonso, o que bravamente pelejara na batalha do Salado, andava de uma alegria desmedida. Não se cansava de olhar a sua neta, a dôce infantina Maria; mas uma secreta amargura o havia intristecido: é que êle queria que tivesse nascido um varão. Mas agora, novamente lhe voltava a esperança e com ela a ale-

Romance de Inês de Castro

gria.—«Alvícaras, senhor rei!» gritou um pagem que vinha correndo dos lados da câmara da infanta:  
«Tendes um neto varão!»

— «Temos que pensar no baptisado de vosso neto». Isto dizia a infanta D. Constança ao rei Afonso, na alcáçova de Coimbra. «E quero-vos pedir uma mercê...» — «Dizei.» — «É, que me deixeis escolher madrinha...» — «E quem quereis?» — «Inês... Porque assim, sendo comadre de vosso filho, seria um crime...» — «Então, acaso ligais importância ao que caluniadores dizem?» — «Não são calúnias, senhôr! Eu mesma vi o meu Pedro, beijando-a no jardim...» — «Descansai: eu falarei com êle. Mas concedo de bôa mente o que me pedis.»

O rei Afonso, ouvindo as queixas da infanta, repassadas de um amargo ciüme, logo resolveu desterrar para longe a linda Inês. O príncipe, desvairado, quiz rebelar-se; mas houve que se conter ante a vontade ferrea do rei. Surgira-lhe, também, um pensamento luminoso. Era-lhe impossivel afastar-se por muito tempo de aquella que a imaginação fantasista dos trovadôres apelidara de «a colo de garça». E assim, logo pensou em a ir visitar muitas vêzes, no seu destêrro. Existem ainda, junto da Serra de El-

Romance de Inês de Castro

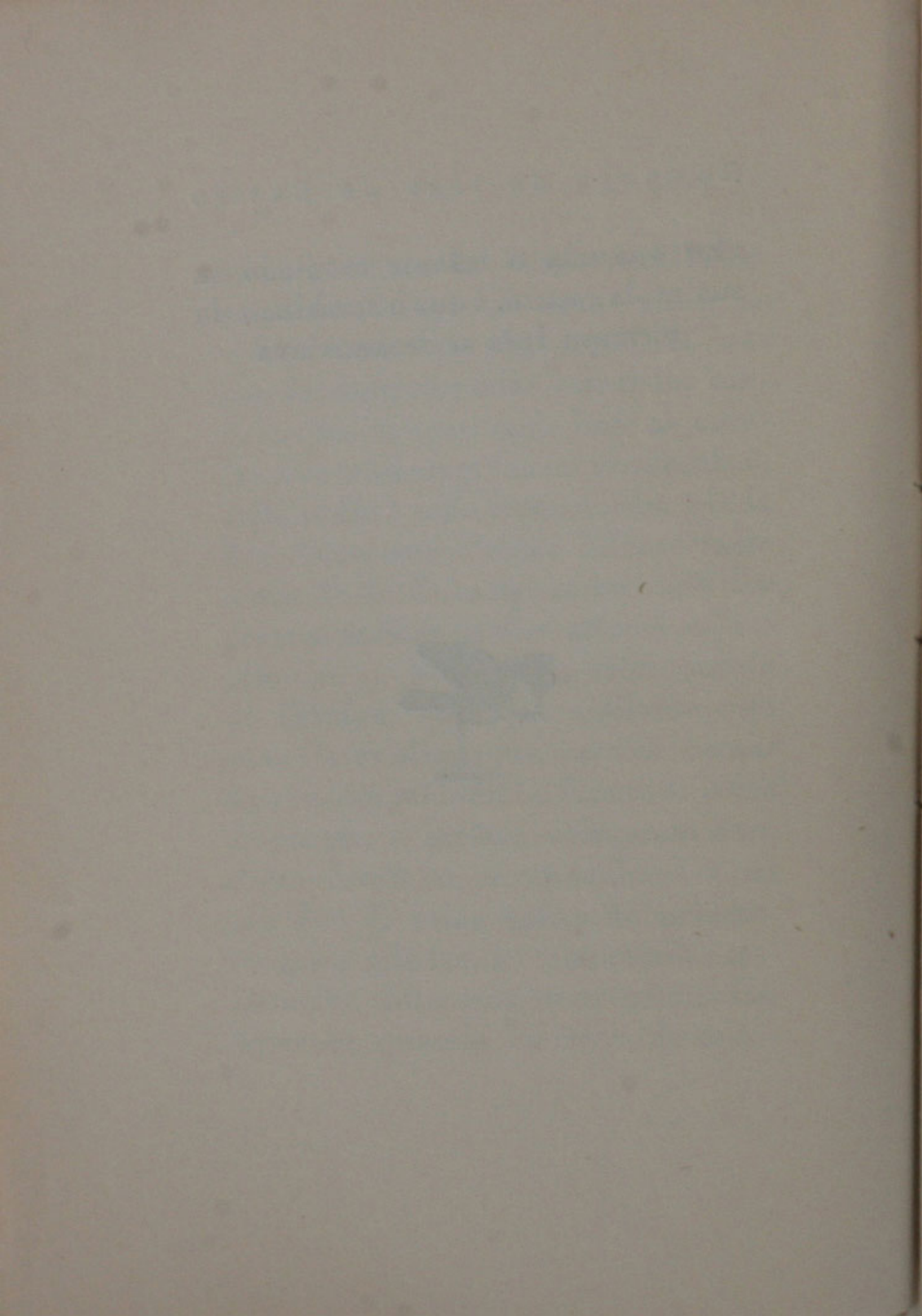
-Rei, próximo do burgo de Obidos, na suave elevação de uma colina, as velhas ruínas de um paço. Aí, nas paredes desmoronadas pelo rodar contínuo dos tempos, onde hoje as corujas e os milhafres fazem seus ninhos, cada pedra é uma testemunha muda das visitas que o môço infante fazia á sua Inês. E a ela, como tudo lhe deveria parecer triste e só sem o seu príncipe... Ao longe, o velho castelo de Obidos, sentinela vigilante com suas tórres altaneiras, parecia tornar a paisagem mais árida. E para os lados do poente, o oceano, soluçando num choro contínuo, acompanhava-a na sua dôr. E pelas noites de inverno, longas e geladas, as tempestades traziam-lhe dolorosos pressentimentos. Sómente, quando na curva do cami-



Romance de Inês de Castro

nho aparecia o infante montado na  
sua mula escura, é que o semblante da  
formosa Inês se desanuviava





Amanhecêra radioso êsse dia!... No Mondêgo, que corria brandamente entre os choupaís, espelhavam-se as nuvens, brancas como algodão. Aqui e ali, algumas barcas, de velas pandas ao vento, balouçavam-se serênas á quieta brisa do levante. Na alcova real, a infanta D. Constança entrara na agonia. Pela sua face lívida, que a asa negra da morte roçara, escorriam-lhe, duas a duas, grossas lágrimas. A essa hora talvez estivesse o seu Pedro, lá ao sul, junto da «colo de garça». E a vida a fugir-lhe a todo

Romance de Inês de Castro

o momento... Pediu a infanta, em voz sumida, que lhe abrissem as janelas, para que a primavera, que lá fóra reanimava as plantas, a viesse reanimar também, esperando que o seu Pedro chegasse a tempo de lhe dizer o último adeus. Deitada no leito, muito magra, os olhos desmedidamente abertos, presos num crucifixo que lhe haviam trazido da Terra-Santa, a princêsa sentiu a morte aversinhar-se. O seu padre confessôr ministrou-lhe os últimos sacramentos e então ela, fechou os olhos com lentidão, e deixou cair a cabeça para o lado. No choupal começara um rouxinol a cantar.



Naquela ante-manhã do primeiro dia do novo ano, levantara-se o príncipe bem disposto. A cidade de Braga dormia ainda um sôno profundo; tudo era quietação e socêgo. Sómente nos arrabaldes se ouvia, a espaços, o cantar de um galo. Mandou o infante que lhe chamassem o deão da Sé da Guarda, que se achava na cidade, e quando êste chegou, logo se fechou com êle em grande mistério. Mas um págem, curioso e astuto, não temendo a ira de seu senhôr, resolveu espreitar o que se estava passando. E

R o m a n c e   d e   I n ê s   d e   C a s t r o

viu, — certamente seus olhos não o enganaram — viu o infante de pé, tendo a seu lado a formosa Inês, atraz alguns cavaleiros, e o deão, com suas vestes prelatícias, abençoando-os. Ouviu ainda o deão da Guarda dizer em voz solene: «Príncipe de Portugal, mui nobre e alto senhôr D. Pedro, quereis tomar por esposa a Inês de Castro?» «Sabei que sim!» E semelhante pergunta ouviu fazer, também, a Inês. Então o infante, tocou corporalmente os evangelhos e jurou á fé de Deus guardar, para sempre, amôr a Inês. Nada mais viu o pagem; houve que retirar-se, para não sêr surpreendido

O mês de Abril corria formoso e ri-  
sonho, fazendo as árvores regorgitar  
de seiva e a terra florescêr numa exu-  
berância divina. O próprio trinado  
das aves parecia mais melodioso e o  
cantar das águas era cheio de rytmo.  
A Quinta das Lágrimas era um jar-  
dim florido, onde, por êste tempo, se  
iam sentar, á sombra acolhedôra dos  
cedros, o môço príncipe D. Pedro e a  
linda Inês, vendo seus filhos, os in-  
fantes João, Diniz e a piquena in-  
fanta Isabel, brincar alegremente. A  
«colo de garça» olhava enlevada, ora

Romance de Inês de Castro

o príncipe, ora os filhos e por toda a face se espelhava uma alegria radiosa. Por vezes, iam sentar-se felizes na fonte dos amôres, e o príncipe lia então, ou um livro de Horas ou o cancionero do bom rei Diniz. Uma tarde, sentados a par, muito juntos, Inês, a cabeça levemente inclinada sobre o peito do infante, olhava as aguas cristalinas que corriam entre os musgos, e ouvia com atenção a historia de Amadis, do paiz de Gales, que o seu príncipe e senhôr lhe estava lendo ...mas el-rei Afonso...



Sentada a bordar com esmeraldas,  
um manto para oferecer á Virgem  
mãe de Cristo, que tinha imagem no  
convento de St. Clara, a formosa  
Inês ouvia a gesta em que um menes-  
trel cantava os feitos de el-rei Afon-  
so, na batalha do Salado. Estava a  
êsse tempo em plêna pujança de  
radiosa beleza. Branca e loira, as  
tranças caídas ao longo do colo alvo,  
os olhos fundamente azues, uma  
compostura grave e serêna... Algu-  
mas vezes a agulha parava da faina,  
esquecida entre as longas mãos de

Romance de Inês de Castro

Inês que parecia pensativa e distante. Toda a manhã voara em frente do Paço Real, um gavião, enorme e feio, prenúncio de próximo desastre. O príncipe D. Pedro partira descuidado e feliz, havia dois dias, para a montaria nas serranias da Beira. E ela, ali estava, sosinha, entregue ao cuidado das aias. Ouviu-se um vozear contínuo e clamôr sonoro ecoarem pelos ares. Inês, deu-lhe rebate o coração; era sem dúvida o rei Afonso que a vinha roubar aos affectos do seu príncipe. Levantou-se pálida, e as aias entreolharam-se angustiosamente... Súbito abriram-se as portas com fragôr e assumou na sala o vulto grave do rei, seguido pelos conselheiros. A arraia miuda, cá em baixo, soltava gritos inflamados... Afonso,

Romance de Inês de Castro

o IV, então, avançou solene e disse: «De ha muito vos vinha avisando de que essa vossa mancebia devia terminar. Não me quizesteis ouvir... Pois bem; o tribunal da Cúria resolveu a vossa morte para que Pedro venha a casar com uma princeza das Hespanhas.» — «Senhôr... tende piedade, não por mim, mas por êle» — disse Inês suplicante. A êste tempo já dois algozes a haviam agarrado e ligado as mãos. — «Sereis decapitada por fôro da nobreza de Hespanha» acrescentou o rei, e retirou-se. Inês levantou dôcemente a vista e olhou ao longe a velha torre de uma igreja, erguida para o ceu, como a indicar-lhe o caminho do Além. As aias, olhos postos no chão, choravam em silêncio. Entraram correndo os piquenos infan-



Romance de Inês de Castro

tes, e ao verem a mãe ligada, irromperam num choro aflitivo. Um dos álgozes, que a estava prendendo, vibrou-lhe com força um golpe. A cabeça de Inês rolou no chão, enquanto o corpo se esvaía... Para os lados do poente, o sol desaparecia, mergulhando-se no grande mar oceano. E a noite vinha, como trágico manto negro, cobrir de luto a terra bendita de Portugal.





Lívido, a face descarnada e os olhos quasi cerrados, jazia sobre o leito murtuário o corpo inanimado do velho rei Afonso. As mãos esquálidas, descansansando no largo peito, a barba comprida e emaranhada, davam ao velho monarca uma austeridade piedosa. De pé, imoveis, o príncipe e os cortezãos pareciam estatuas em redor de um sepulcro. D. Pedro, que recebêra, havia momentos, a corôa real das mãos do bispo do Porto, parecia

Romance de Inês de Castro

alheiado de todo aquêlê luto. Nem ouvia o pranto dos cortezãos, nem chorava a morte do pai! À sua desvairada imaginação sonhava... Ódios, vinganças, homenagens, tudo lhe acorria, em tropel, ao pensamento.



Uma manhã, o rei, de passagem para Lisbôa, pousou no mosteiro dos frades Bernardos, em Alcobaça. A êsse tempo ainda se trabalhava no claustro que o bom rei Diniz mandara fazer. D. Pedro foi vêr os trabalhos e quedou-se imbevecido a olhar um santeiro que trabalhava numa imagem para a igreja do Sítio da Nazareth. E um desejo se lhe abriu na alma, como as flôres se abrem à loira luz do sol. Chamou de parte o la-

Romance de Inês de Castro

vrante da pedra e longo tempo estiveram falando. Determinara o rei mandar fazer ali, no mosteiro, dois túmulos lavrados, com imagens: um para si e outro para Inês, afim de descansarem juntos na longa jornada até ao juízo final.

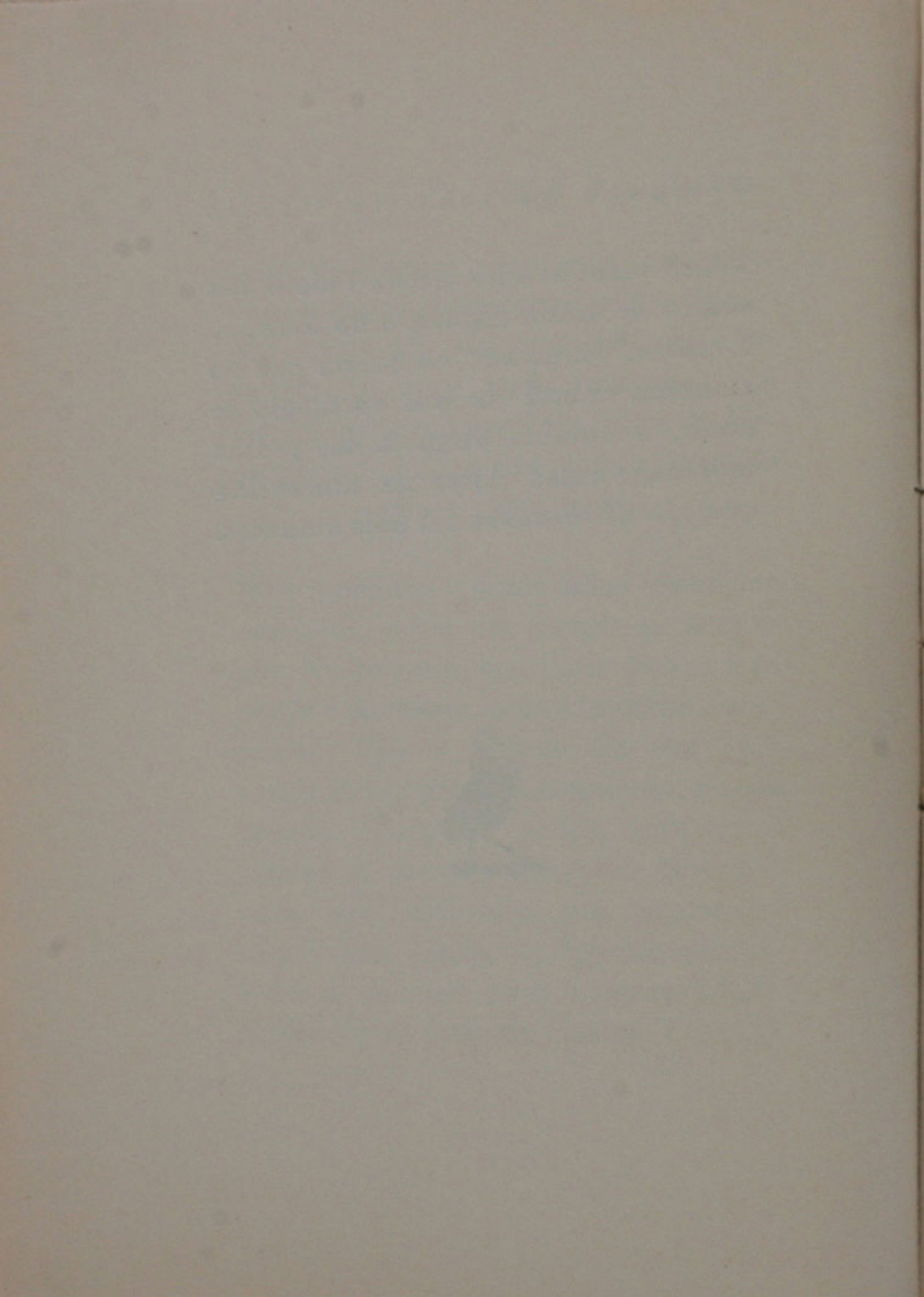
. . . . .  
Nas repetidas e demoradas visitas ao mosteiro, o rei via surgir as scenas que êle próprio mandara gravar e ás quaes o lavrante ia dando cõrpo e realidade. Via o túmulo da sua Inês surgir, como por encantamento, de um grande bloco de pedra, informe e inerte. A pouco e pouco se desenhavam, mal definidas nos contornos, imprecisas ainda, as figuras que haviam de povoar, para a immortalidade, o túmulo de Inês de Castro. O rei D.



Romance de Inês de Castro

Pedro insuflava ao artista todo o seu  
sônho de amor, guiava-o na obra...  
E assim surgiram, na quieta paz do  
claustro, mercê de um sortilégio de  
amor, á sombra augusta das pedras  
morênas, essas flôres de maravilha  
que são os túmulos dos dois amantes.





Nessa noite, á hora quieta em que nas caladas vielas da Lisboa medieva se fechavam as portás com temôr das almas transviadas e nos pátios e hortas os mastins começavam ladrando, viram os poucos retardatários, que chegavam dos pomares distantes, uns vultos cosidos com a parêde, descerem a encosta do Castelo. Silenciosamente, muito a mêdo, persignavam-se, resando baixo uma Avé-Maria, para que o Senhôr os livrasse dos maus en-

Romance de Inês de Castro

contros. À noite era escura como a asa dos corvos da serra; estrêlas, poucas brilhavam no grande ceu negro. No meio de aquêlê profundo silêncio, ouviu-se, longo e longo, o som de uma trombeta. Seguidamente muitas outras trombetas ressoaram. Os mais timoratos, ouvindo o clamôr das tubas, julgavam que soara a hora do juízo final. Outros, vinham ás portas e seus olhos deslumbrados viam o rei D. Pedro, desvairado, cabêlos em desalinho, olhar febril, bailando com as gentes do povo. E saiam também a folgar com o rei, que com êles se irmanava. Quasi ao amanhecêr, num largo junto das muralhas, ardia ainda uma grande fogueira, e o rei bailava, esquecido do tempo e do seu desvairado amor.



O povo de Coimbra, nêsse dia, não fôra para o trabalho: é que queria vir dizer o seu adeus a Inês de Castro. Repentinamente cem trombetas ecoaram pelos calados ares, e do paço-real, saíram os nobres cobertos de luto, as donas vestidas de branco e pagens, com longas tochas acesas, ladeando as andas onde vinha o corpo da raíinha. E durante vinte leguas, tôda a alta nobreza de Portugal foi obrigada, por ordem do rei, a

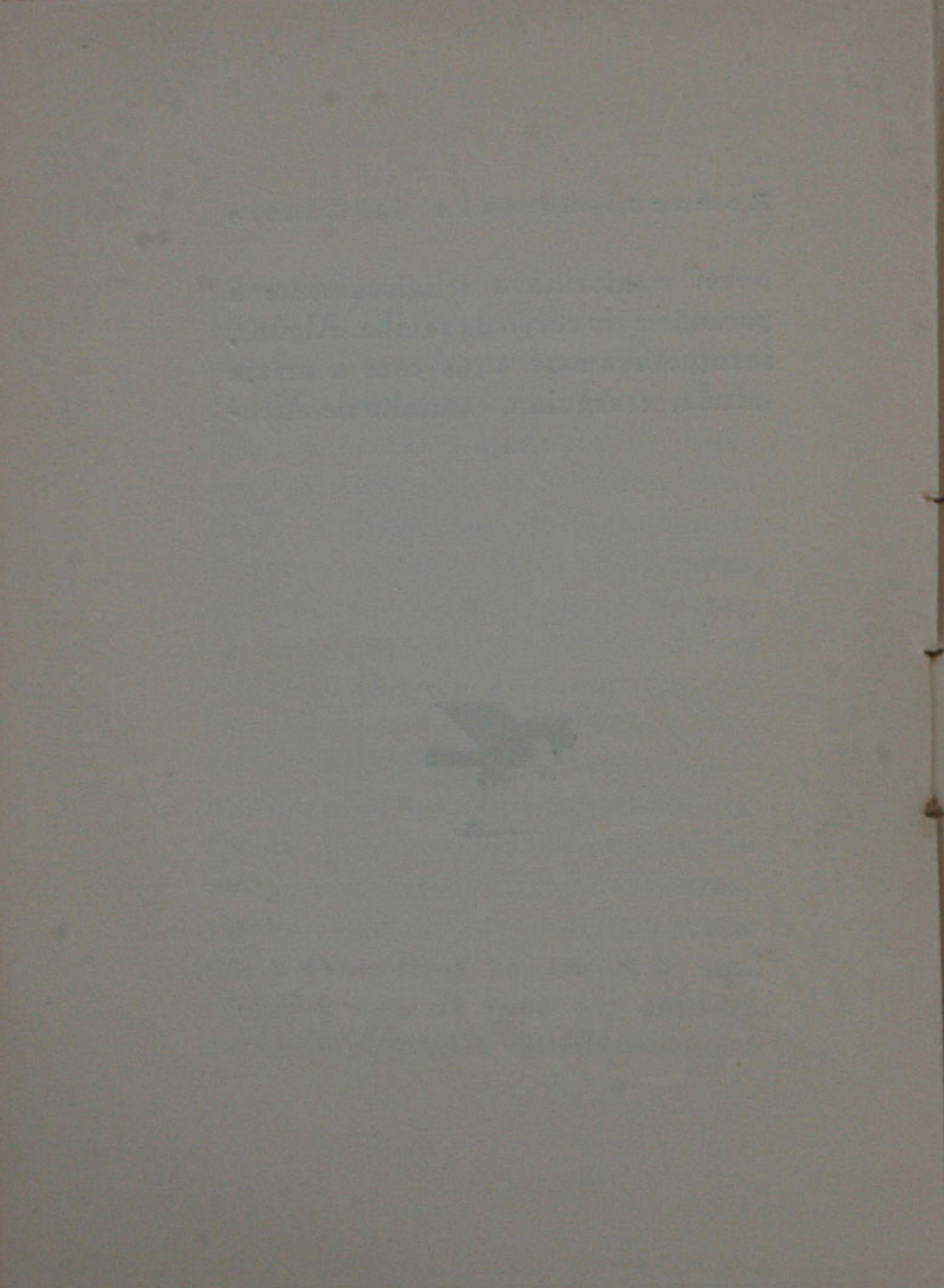
Romance de Inês de Castro

acompanhar a pé a sua morta. Os bispos, os abades, priores de mosteiros e mestres das ordens religiosas, caminhavam na frente, ostentando suas vestes. Uma longa fila de povo, acompanhava o rei na sua dôr, chorando a desventura de tanto amar. Alguns monges, faces descoradas pelos jejuns, vinham na retaguarda cantando psalmos. Por todo o caminho, fazendo alas, estavam colocados homens com círios e luzes... Alta a noite, o vento, assoviando pelo meio dos arvorêdos em rajadas lúgubres, parecia um côro de feiticeiras infernais. E como espectros, caminhavam, á luz ensangüentada das tochas, êsses peregrinos de um estranho rito. O povo das aldeias, pasmado, acorria á estrada a saüdar

Romance de Inês de Castro

o rei e ajoelhava religiosamente á  
passagem do corpo da rainha. Alguns,  
incorporavam-se atrás com a arraia  
miuda, e seguiam caminho de Alco-  
baça.







A igreja do mosteiro estava coberta de povo que, num silêncio angustioso, seguia, trânsido de pavôr, todos os preparativos para o beija-mão da raíinha morta. Sentada no trôno, a carne vêrde e engelhada, os ossos das maxilas muito salientes, as órbitas fundas, com a corôa de raíinha na cabeça, numa lividez silenciosa, Inês de Castro parecia áquêle povo a raíinha do mal. D. Pedro entrou pela porta da sacristia e dirigiu-se a passos

Romance de Inês de Castro

graves e compassados para o estrado onde fôra armado o trôno. Cêrca do altar-mór parou, espraçou a vista em volta e disse em voz pausada: Ricos-homens, infanções e cavaleiros de Portugal, vinde beijar a mão á vossa raïnhã. E um a um, tôdos vieram ajoelhar-se deante de Inês e beijar-lhe os ossos que haviam sido formosas mãos. Noite alta, quatro frades pegaram no côrpo da raïnhã e transportaram-no para o túmulo que o rei mandara fazer. Então, tôda a comunidade entuou um cântico que se repercutiu sinistramente na alma do povo.

Uma tarde, o dom Abade, que fôra á povoação de Cella visitar a igreja nova, encontrou no adro do mosteiro de Alcobaça o rei D. Pedro que acabara de chegar de Leiria. Vinha vestido como os peregrinos, e essa era, talvez, a sua última romagem ao túmulo da rainha. Os anos haviam-se passado, impiedosos, por sôbre êle. Os cabelos brancos, a barba longa e a cara vincada de sofrimento, davam ao monarca um aspecto de simpatia. O dom



Romance de Inês de Castro

Abade encaminhou-o para a Igreja, e então, o rei, pediu-lhe que se retirasse. Só, avançando religiosamente pela nave central, ouvindo os passos ecoar de um modo trágico, o rei teve, nítida, a sensação do vácuo na alma. Faltava-lhe alguma coisa, alguém que em seu espírito morara e que uma morte impiedosa lhe tinha roubado. Dos lábios saiu-lhe, vagaroso, a medo, um nome: Inês! Sentou-se á cabeceira do túmulo, a face encostada na pedra fria e os olhos fixos para dentro, numa dolorosa expressão de abandono. O sol descera rente ao horizonte, e seus raios, coados por um vitral rubro de uma janela do mosteiro, vieram iluminar, por momentos, numa aureola de sangue, a estátua jacente da raíinha. Na cêrca



Romance de Inês de Castro

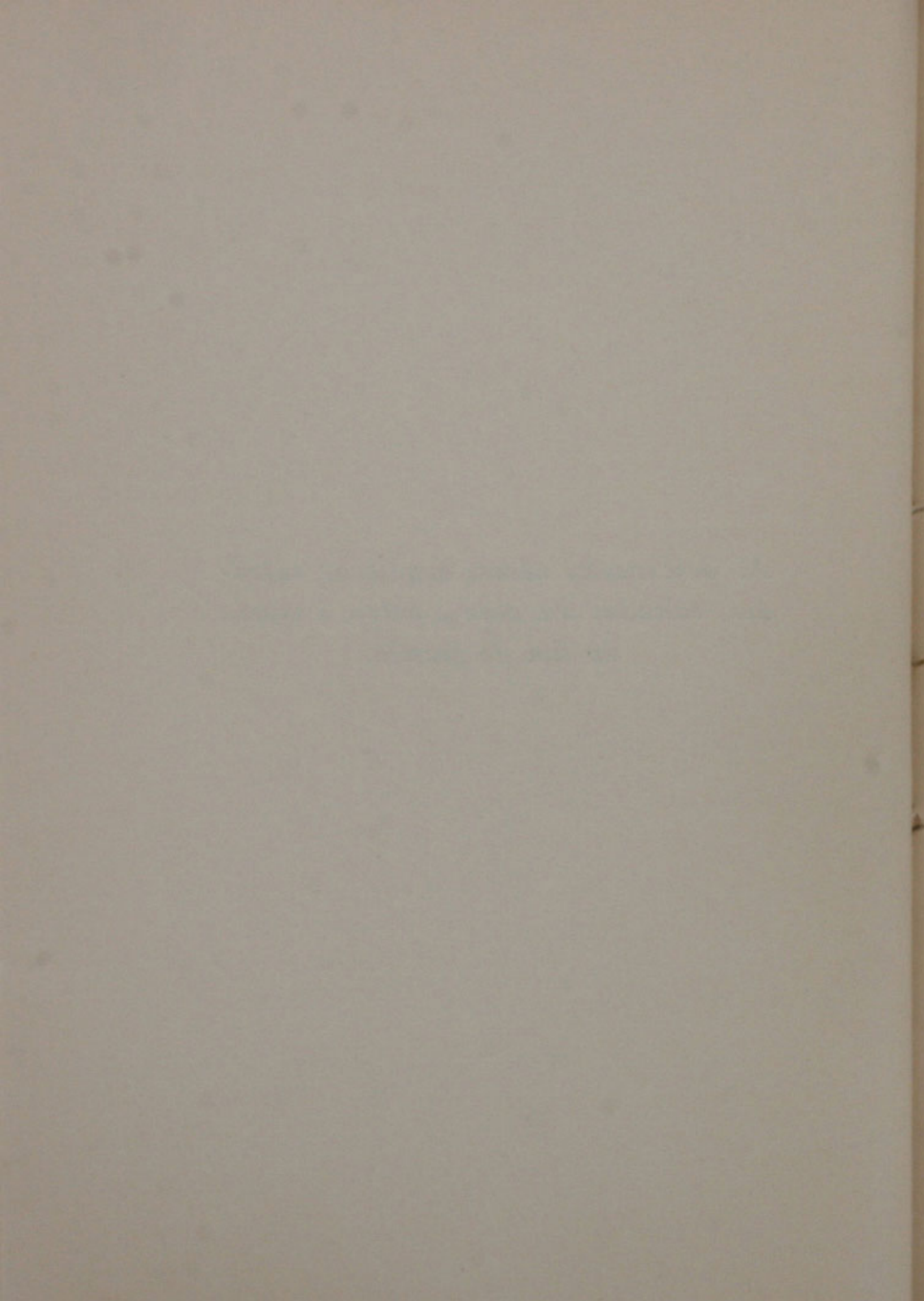
do mosteiro, já o bom guardião tocara o sino, chamando os monges á oração da noite e ainda estava o rei sentado junto ao túmulo da sua Inês... O silêncio era completo! Súbito o rei ergueu-se, olhou desconfiado em redor, e silencioso beijou o túmulo da raíinha: Era o seu último adeus; adeus

ATÉ AO FIM DO MUNDO





*Aí descansam, nesses sepulcros sagra-  
dos, voltados um para o outro, à espera  
do fim do mundo.*



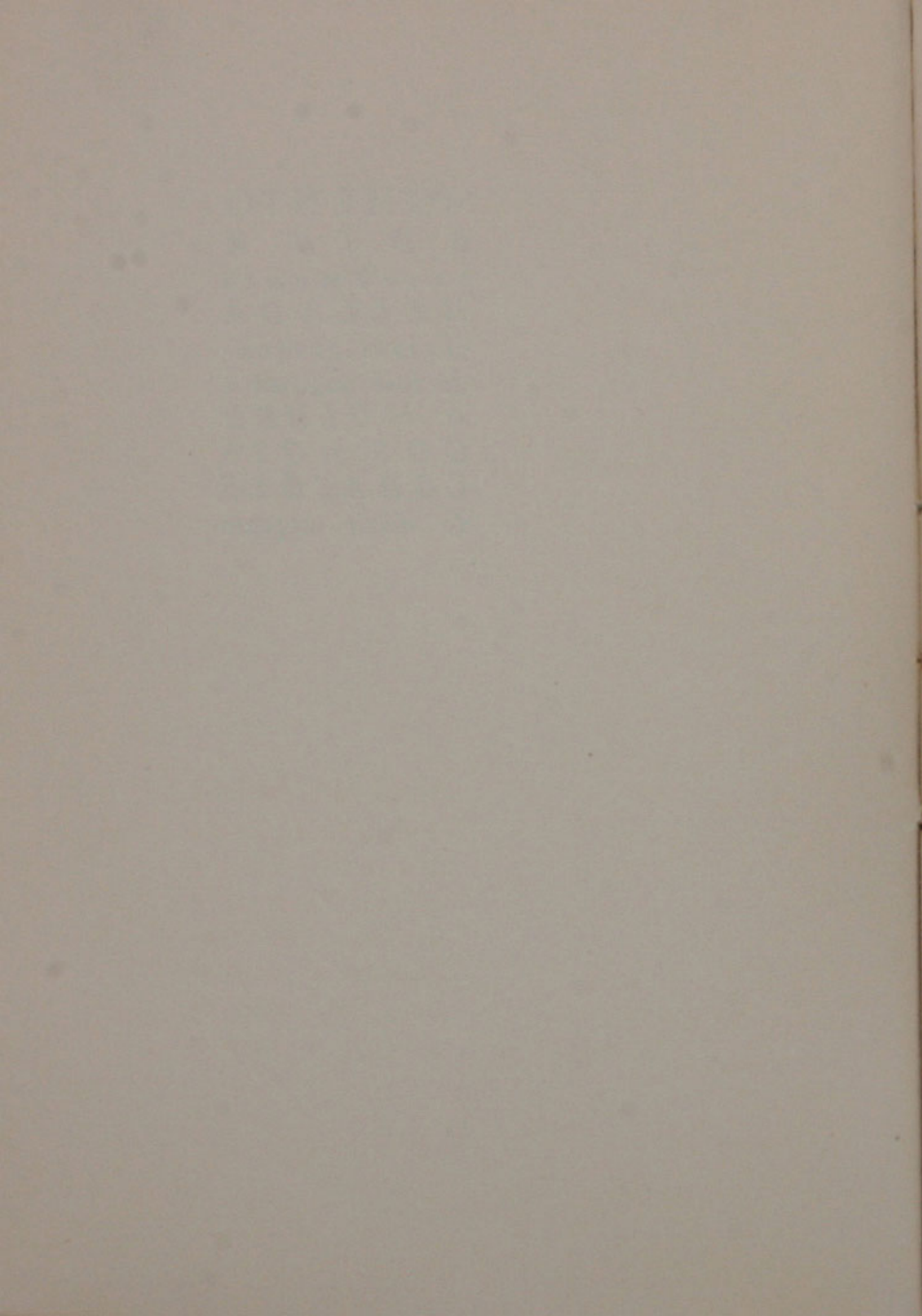


A' CLARA, AO  
ANTÓNIO BÔTTO,  
AO JOSÉ AUGUSTO

*PELA SIMPATIA  
QUE LHES MERECEU  
ÊSTE ROMANCE*



MOMENTO  
E D I T A  
*brevemente*  
HELLADA  
*-frisos gregos-*  
*de josé augusto e*  
A MULHER  
DOS DOIS  
CORAÇÕES  
*de artur augusto*





## MOMENTO

*encarrega-se  
da edição de  
livros, jornais e  
revistas; de tra-  
duções e adapta-  
ções em todos os  
gêneros*



EDIÇÕES MOMENTO  
EM ORGANIZAÇÃO  
RUA DOS FANQUEIROS  
NÚMERO SESSENTA E  
CINCO, SEGUNDO  
L I S B O A

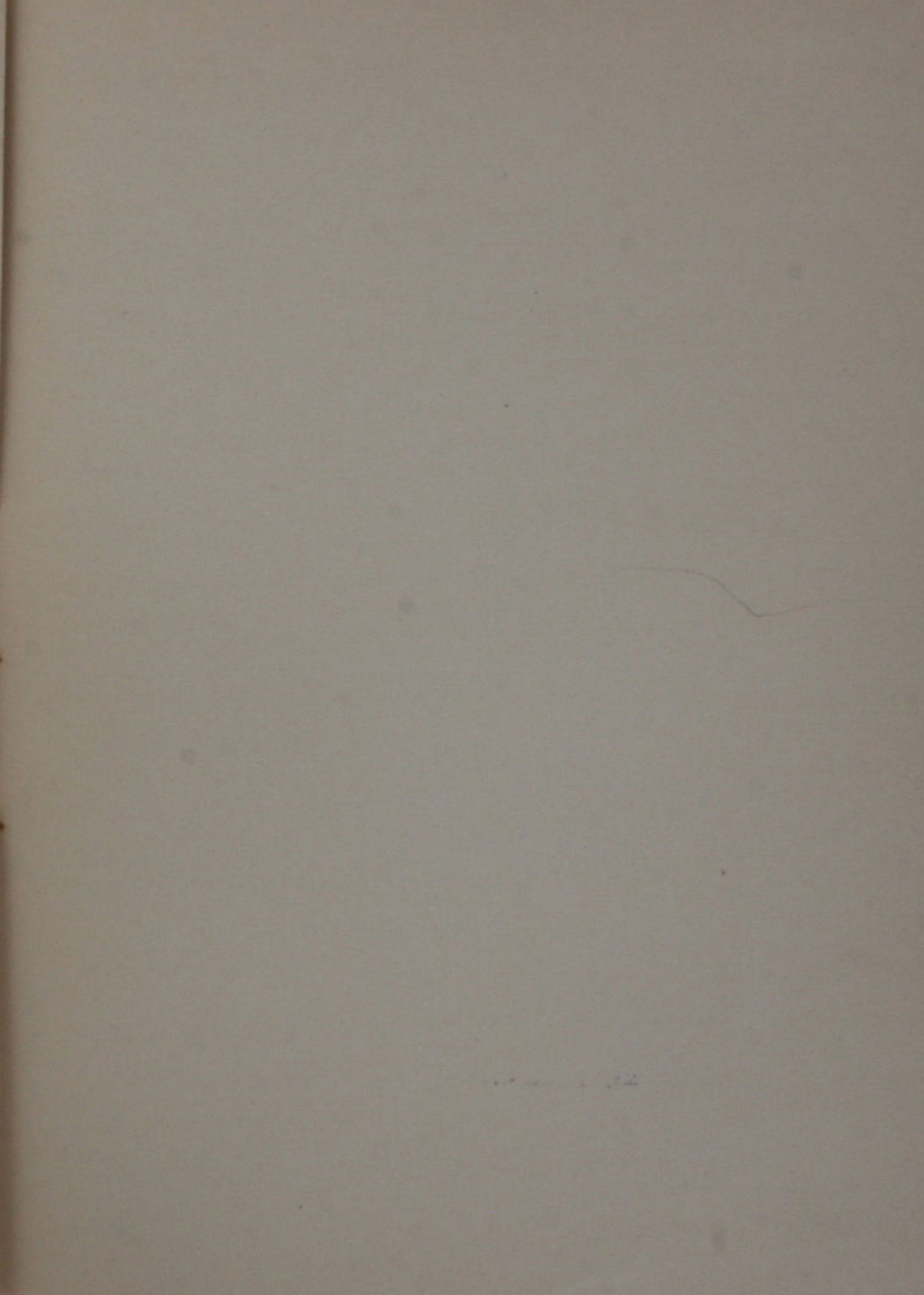
AVENIDA RAÍNHA  
E L I S A B E T H  
NÚMERO NOVENTA E QUATRO  
RIO DE JANEIRO

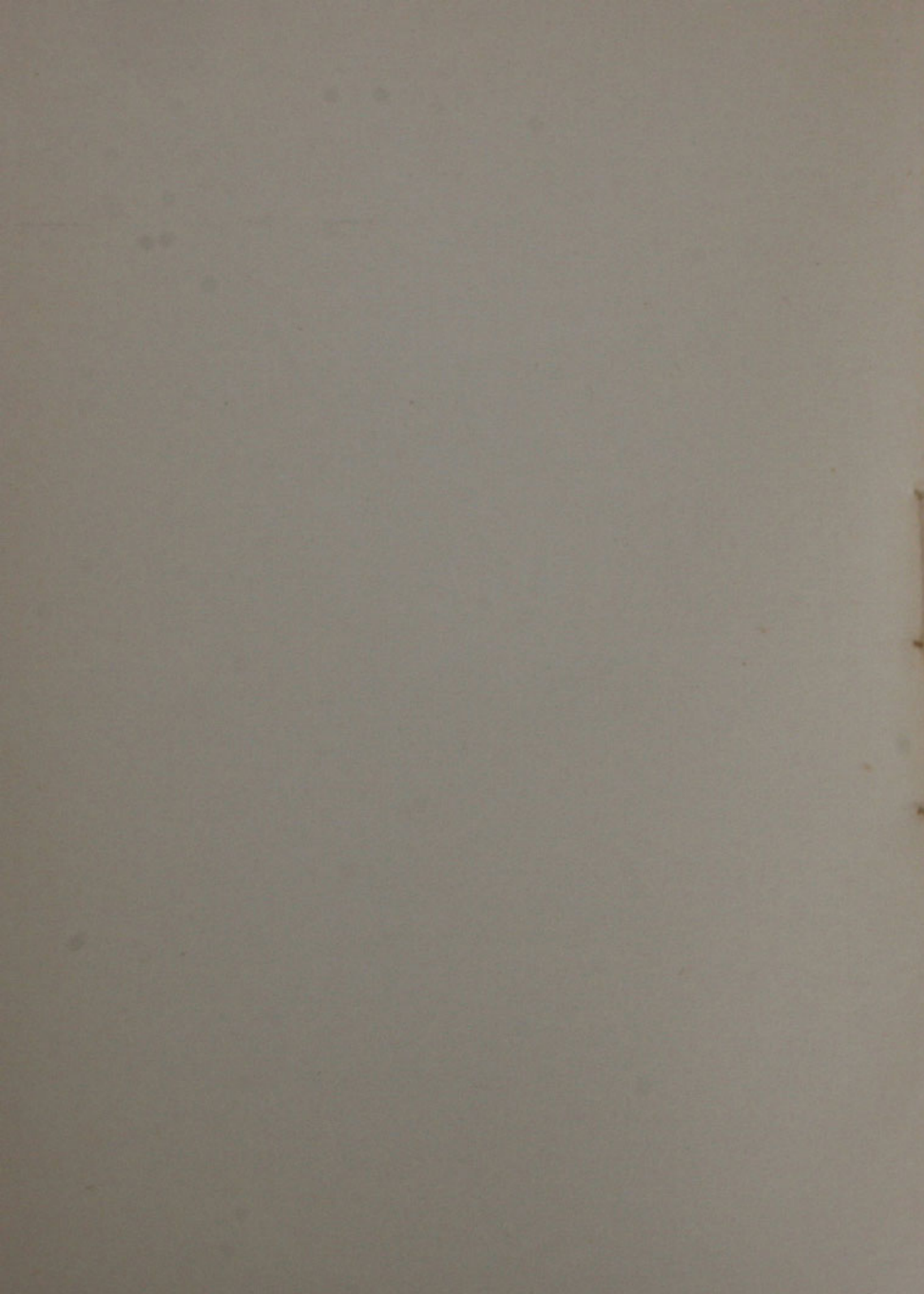
THE  
JOURNAL OF THE  
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE  
OF GREAT BRITAIN AND IRELAND  
VOLUME 31  
PART 1  
1901  
LONDON  
PUBLISHED BY THE  
Royal Society of Great Britain  
21, BEDFORD SQUARE, W.C.1



COMPOSTO E  
IMRPRESSO NAS  
OFICINAS  
GRÁFICAS DA  
TIPOGRAFIA  
PORTUGAL  
RUA DA ROSA, 14 E 16  
PARA AS EDIÇÕES  
MOMENTO

THE  
LIBRARY  
OF THE  
MUSEUM  
OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND  
ANATOMY  
OF THE  
MUSEUM OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND  
ANATOMY  
OF THE  
MUSEUM OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND  
ANATOMY













EDIÇÕES



MOMENTO